

A DAMA DAS LETRAS

(Publicado no jornal O POVO em 12 de Novembro de 2010)

Leitor amigo, leia antes o artigo acima. Não interessa o tema de hoje, você irá gostar. Ela é a Dama das Letras!

Se eu a conhecesse, eu a convidaria para uma matineé no Maguari. A pegaria em casa no táxi do meu pai, um Ford Hudson 46 do velho Cocorote, só para abrir-lhe a porta como nas carruagens de Disney. Assistiríamos o Gordo e Magro no Cine-Art. Almoçaríamos no Caravelle, no Flórida ou no Tocantins, a sua escolha.

Começo da tarde, passearíamos no Parque das Crianças. Após voltarmos nos pedalinhos do lago engarrafado de “qua-qua-quás”, daríamos pipoca aos macacos e enfrentariamos os leões em suas jaulas de barro. Não esqueceria de pagar-lhe um sorvete no Tony’s, na Praça do Carmo.

Quase noite, arremataria uma galinha assada na quermesse enquanto escutássemos, lado de fora, a rouca pregação do Padre Gaspar alertando as moças da vila sobre os “rabos-de-burro”. Comprar-lhe-ia uma lembrancinha na Loja de Variedades ou, se ela preferisse, na 4400 onde subiríamos a escada rolante, tantas vezes ela quisesse. Riríamos do Oscarito e Grande Otelo em cartaz no São Luiz,... minto, no Majestic.

Um dedo de prosa logo ali, na Banca do Bodinho, antes de merendarmos um pastel com caldo de cana na Leão do Sul. A caminho do Anísio, onde encontraríamos Fausto Nilo, Augusto Ponte e os meninos, daríamos uma parada na Escola Normal, onde ela foi Diretora, dia desses. Ao deixá-la, surpreenderia com flores e uma colônia (das boas) compradas na Eva.

Sempre que minha vaidade apela, pergunto ao meu amigo Myrson Lima se leu o meu artigo publicado logo abaixo do artigo dela, na mesma página, na página dela, do jornal dela, da cidade que é dela. Por que Fortaleza pertence a alguém, pertence a quem se inquieta como ela pela cidade, com o que nela acontece. Pertence a Adísia, a Dama das Letras.

Mauro Oliveira

Ex-aluno do Liceu do Ceará